

A ARTETERAPIA COMO INSTRUMENTO DE APOIO NO PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO PESSOAL PARA MULHERES EM SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE SOCIAL¹

Adriano Carlos Tardoque

Prof^a Ms. Dilaina Paula dos Santos²

RESUMO

O presente artigo tem como finalidade trazer à discussão algumas experiências do trabalho arteterapêutico desenvolvido com mulheres entre 40 e 60 anos, paralelamente às oficinas de artesanato promovidas pela Visarte Assistencial, entre os meses de abril e outubro de 2013. Diante da apresentação de diversas demandas sociais que fugiram ao contexto exclusivamente econômico – uma vez que o projeto se destinava a mulheres de baixa renda – a instituição se viu diante de um quadro diferente para o atendimento social proposto, quando procurada também por mulheres de classe média acometidas por outras questões como: depressão; divórcio; viuvez; perda de familiares e doenças crônicas; em busca de ressignificação. Assim, os objetivos de trabalho arteterapêutico foram elaborados juntamente com a instituição, visando, além da questão do desenvolvimento de atividades profissionais, ao desenvolvimento da autogestão e autoconfiança, tendo a coletividade como ponto referencial de partida.

PALAVRAS-CHAVE: arteterapia – individuação – mulheres - vulnerabilidade

¹ Artigo científico apresentado à FAMOSP como parte das exigências para obtenção do título de Arteterapeuta.

² Professora e coordenadora do Curso de Especialização em Arteterapia e orientadora desse artigo.

1 INTRODUÇÃO

Nas experiências que constituem o meu desenvolvimento profissional – nos setores comercial, social, educacional e cultural – tenho verificado com atenção os caminhos percorridos pelas mulheres. Na maioria absoluta dos locais em que trabalhei, fui comandado por mulheres, e todas elas detinham grande personalidade, além de histórias de luta e superação em suas vidas. Mas foi na área social, no trabalho com população em situação de rua – em que era predominante a presença feminina no atendimento aos usuários dos diversos aparelhos de acolhimento e prestação de serviços na cidade de São Paulo – que tive minha curiosidade aguçada. Eu questionava quais fatores tornavam o trabalho assistencial na prestação de serviços aos necessitados uma atividade predominantemente executada por mulheres. Segundo dados levantados pela FIPE³ sobre a população de rua, este contingente humano é representado por quase 80% de homens e 15,5% de mulheres (RODRIGUES, 2010). Os homens, mais resistentes à hostilidade desta condição de vida, tinham nos instintos básicos a fórmula cotidiana de sobrevivência. As mulheres, além dos riscos insipientes a que estavam sujeitas na condição de rua, sobretudo a violência sexual, nesta situação apresentavam, em curto espaço de tempo, a perda da sanidade.

Alguns anos depois, eu viria a compreender melhor as forças que compunham o universo destas mulheres e qual o sentido desta atração natural pelo trabalho social.

O meu interesse pela arteterapia se deu durante o exercício do meu trabalho como educador em um projeto social na periferia da Zona Oeste de São Paulo, destinado a crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social. Segundo Ximenes (2010):

Vulnerabilidade social é um conceito multidimensional que se refere à condição de indivíduos ou grupos em situação de fragilidade, que os tornam expostos a riscos e a níveis significativos de desagregação social. Relaciona-se ao resultado de qualquer processo acentuado de exclusão, discriminação ou enfraquecimento de indivíduos ou grupos, provocado por fatores, tais como pobreza, crises econômicas, nível

³ Fundação Instituto de Pesquisas da Universidade de São Paulo.

educacional deficiente, localização geográfica precária e baixos níveis de capital social, humano, ou cultural⁴.

A prática cotidiana com este grupo, fosse pelas rodas de conversa, fosse no desenvolvimento de alguma outra atividade, evidenciava o quanto a arte proporcionava níveis muito maiores de participação, integração e expressão em relação a qualquer outro tipo de iniciativa. Por meio da confecção plástica de objetos ou instalações e expressão corporal (dança e teatro), havia uma verdadeira transformação do ambiente, dando espaços para as diversas formas de expressão, trazendo as crianças e adolescentes, principalmente aquelas com perfis mais introspectivos, para o centro das manifestações artísticas. Também no exercício do meu trabalho, como professor de ciências sociais nas redes pública e privada de ensino, pude ratificar esta demanda pela expressão artística quando incorporei, ao meu planejamento de aulas, atividades de teatro e artes plásticas como parte da metodologia de trabalho. Leituras de livros, como *John Dewey e o ensino da arte no Brasil*, de Ana Mae Barbosa, *A pedagogia da autonomia*, de Paulo Freire, embasavam minha prática pedagógica, enquanto os estudos dos trabalhos terapêuticos da artista plástica Lygia Clark, com seus *Objetos Relacionais*⁵, me abriram outras perspectivas do uso da arte em processos terapêuticos. Meu conhecimento sobre a obra de Carl G. Jung se dava principalmente de um ponto de vista esotérico dos símbolos, o que me levou à busca de referenciais mais aprofundados de sua obra teórica e prática. Desta forma, a pós-graduação em arteterapia, seguindo a abordagem junguiana, representou a possibilidade de reunir e investigar as questões que venho levantando em minha trajetória profissional e pessoal.

Jung atribuía grande valor às técnicas expressivas pela capacidade destas em proporcionar ao indivíduo outro sentido de vida. Compreendia que, através do que o sujeito produz expressivamente, este cria a condição de codificar, em variados objetos e formas, o que não consegue verbalizar. Assim, cumprindo seu papel de plasticização dos conteúdos inconscientes, a arte passa a ser um instrumento terapêutico fundamental no processo de individuação do ser.

⁴ <http://www.gestrado.org/?pg=dicionario-verbetes&id=235> Leitura 15/11/2013.

⁵ Exploração da dualidade dos objetos (leves/pesados, moles/duros, cheios/vazios), para acessar o que a artista chamava de “arquivo de memórias” dos pacientes, com os seus medos e fragilidades, por meio do sensorial. A experiência não se limitava ao campo estético, passando por campos da arte. WANDERLEY, Lula. **O Dragão Pousou no espaço: arte contemporânea, sofrimento psíquico e Objeto Relacional de Lygia Clark**. Rio de Janeiro: Rocco, 2002. p. 7-14.

Nise da Silveira, discípula de Jung e pioneira do desenvolvimento de trabalhos psicoterapêuticos com arte no Brasil, era, assim como seu mestre, reticente ao emprego de nomenclaturas com o termo arte nas modalidades terapêuticas, considerando que o trabalho realizado nestas condições carecia de distanciamento de padrões estéticos e críticos, comuns no universo que envolve as artes como um todo. Mesmo assim, ambos não negavam a possibilidade de obras desenvolvidas em processos terapêuticos virem a se tornar obras de arte. “Assim surge a arteterapia como um referente transcendente às questões relativas ao desenvolvimento de habilidades, das finalidades artísticas, de instrumentos de diagnóstico e prognóstico” (URRUTIGARAY, 2008, p.24).

De acordo com o CBO⁶, a Arteterapia (AT), que se encontra sob o código 2263-15 das ocupações, está inserida no grupo das chamadas terapias criativas, juntamente com a Musicoterapia e Equoterapia. Segundo Urrutigaray (2008, p. 24), a arteterapia “visa, através da mediação de instrumentos plásticos, à expressão ou a comunicação de representações como as fantasias e sentimentos”. Desta forma, cria-se possibilidade de escoamento das energias psíquicas, quando trabalhada de forma a ser contemplada e refletida pelo seu criador, podendo trazer, inclusive verbalmente, suas impressões outrora inexistentes sobre um mesmo conteúdo convertido em objeto plasticizado. “Tendo como finalidade a atualização da imaginação transformadora, pela qual as imagens manifestam-se de forma ativa, conectando o sujeito com novas modalidades vivenciais presentes nas imagens” (URRUTIGARAY, 2008, p.24). Segundo a AATESP:

À medida que a emergência da expressão se mostra indispensável, tanto mais o sentido da vida torna-se evidente e, conseqüentemente, o despertar do desejo de como aprender a lidar com os problemas, os medos, deficiências, de modo a tornar os pensamentos e os atos mais consonantes com o viver pleno⁷.

Durante o curso de pós-graduação em arteterapia, fui compreendendo gradativamente a importância do elemento feminino, trazido à luz pela psicologia analítica com o arquétipo da *ânima* que, dentre outras coisas, me proporcionou o

⁶ Cadastro Brasileiro de Ocupações -

<http://www.mtecbo.gov.br/cbsite/pages/pesquisas/BuscaPorTituloResultado.jsf> - Leitura 16/07/2013.

⁷ Associação de Arteterapia do Estado de São Paulo. “O que é arteterapia”.

<http://www.aatesp.com.br/Arteterapia.aspx> - Leitura 21/01/2014.

entendimento do porquê de o trabalho social ter, em sua absoluta maioria, profissionais mulheres cuidando de uma população de rua majoritariamente masculina: o arquétipo feminino está diretamente ligado à capacidade de amar e acolher (VON FRANZ, 2008). O interesse pelo trabalho com mulheres amadureceu e passou a ser um objetivo para a atividade de prática supervisionada, parte fundamental da grade curricular da formação, sobretudo por possibilitar ao formando a elaboração de um projeto arteterapêutico, partindo dos referenciais teóricos para a construção minuciosa das atividades, além das vivências junto às participantes das oficinas, da ampliação das pesquisas e abordagens e da fundamental importância do processo de interação com a supervisão no decorrer dos trabalhos. Então, juntamente com uma colega de curso que partilhava destes mesmos anseios, iniciamos a busca de um espaço que proporcionasse o encaminhamento dos nossos estudos e pesquisas. Foi assim que surgiu a possibilidade da aplicação destas experiências na Visarte Assistencial.

Fundada em 2009 – mas atuante desde 2005 – a Associação Assistencial e Profissionalizante Visarte é uma organização não-governamental e sem fins lucrativos, que objetiva acolher, apoiar, capacitar e profissionalizar, no artesanato sustentável e de tradição, praticando um comércio justo e solidário, mulheres⁸ em situação de vulnerabilidade social, sendo a instituição também um local para a divulgação e venda da produção artística e artesanal de artistas e artesãos da região do tradicional bairro do Tremembé, na Zona Norte de São Paulo. A associação tem como missão a promoção do bem estar do desenvolvimento cultural, da qualidade de vida e da inclusão social por meio de ações que apoiam e promovem a geração de renda. Com a visão de ser agente de transformação social e referência na comercialização justa e solidária da produção artesanal, ela investe no talento para a arte e o artesanato despertado nas mulheres atendidas, buscando a valorização da cultura regional. Segundo a instituição, a promoção da comercialização constante dos produtos produzidos pelos artesãos leva à maior valorização da capacitação dada durante os projetos realizados na comunidade, incentivando a geração de renda. A gestão da Visarte Assistencial acredita que o esforço conjunto de uma equipe bem preparada e

⁸ Indicadores para o acompanhamento conjuntural do mercado de trabalho nas regiões metropolitanas de Recife, Salvador, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre. Trata-se de uma pesquisa domiciliar urbana realizada por meio de uma amostra probabilística, planejada de forma a garantir os resultados para os níveis geográficos em que é realizada. Mulheres e Mercado de Trabalho: Perguntas e Respostas (2010). - http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/trabalhoerendimento/pme_nova/defaulttestudos_shtm - Leitura 11/05/2013.

unida em visão e metas pode recuperar a dignidade e a autoestima das mulheres atendidas e reinseri-las na sociedade. O trabalho com a mulher em seus projetos envolve toda a família, sobretudo por beneficiar também, indiretamente, com o aumento da renda, os laços familiares⁹.

Ao disponibilizar vagas para os cursos de artesanato, a instituição se viu diante de uma realidade diferente do que esperava: além das mulheres de baixa renda, em busca de novas possibilidades para somar aos rendimentos da família, inscreveram-se para as oficinas mulheres de classe média com perfis de: depressão; viuvez; divórcio e problemas conjugais; sensação de deslocamento com a aposentadoria; dificuldade em lidar com o envelhecimento; perda de familiares e processos de tratamento para doenças como o câncer; dentre outros fatores, buscando novo sentido para vida. Amparada por uma psicóloga e uma assistente social, a gestão da Visarte Assistencial avaliou de forma muito sensível a questão, compreendendo que estas demandas também configuravam situações de vulnerabilidade, o que levou a uma ampliação do escopo de ação da instituição. Agregadas ao projeto, estas participantes tinham, além das aulas de artesanato, possibilidades de socialização e troca de experiências de vida entre seus diferentes perfis. Desenvolver uma oficina arteterapêutica, paralelamente aos cursos de artesanato propostos pela instituição, apresentava uma ótima oportunidade para investigar o desenvolvimento do processo de individuação entre estas mulheres. Assim, foram traçados, juntamente com a Visarte Assistencial, três objetivos, em consonância com a visão institucional e desenvolvimento individual das participantes:

- 1) Verificar o desenvolvimento pessoal e processo de individuação das alunas participantes em relação às demais alunas que não faziam parte das oficinas de arteterapia;
- 2) Avaliar o desenvolvimento das alunas participantes enquanto grupo;
- 3) Avaliar a arteterapia como instrumento de auxílio no processo de autonomia das mulheres em situação de vulnerabilidade social, atendidas pela Visarte Assistencial, durante os cursos formação em artesanato.

Desta forma, o objetivo deste artigo é apresentar o trabalho desenvolvido junto à Visarte Assistencial, em que procuro constatar a importância da arteterapia como

⁹ Site <http://www.visarteassistencial.com.br/> - Leitura 20/04/2013.

instrumento de apoio no processo de desenvolvimento pessoal de mulheres em situação de vulnerabilidade social. A metodologia utilizada na prática do estágio teve como ponto fundamental as etapas do processo de individuação proposto por Jung, tendo sido constituídas, durante o percurso, atividades que trabalharam os conceitos de *persona*, *sombra*, *ânima* e *ânimus* (conforme explicarei mais adiante), promovendo a busca de autoestima e autoconfiança entre essas mulheres, fato este que exemplifico de forma mais objetiva no estudo de caso deste artigo.

2 JUNG: INDIVIDUAÇÃO E O PAPEL DOS MITOS E CONTOS

Segundo Jung (VON FRANZ, 2008, p.214), o *self* é o centro regulador da psique, que é responsável pela invenção e organização das nossas fontes oníricas (correspondentes aos sonhos). Pode ser definido como um fator de orientação íntima, diferenciado da personalidade consciente, tendo nos sonhos um centro regulador que provoca um constante desenvolvimento e amadurecimento da personalidade. O ego, que constitui apenas uma pequena parte de deste centro, ao deixar de seguir a sua natureza/origem e ao seguir os próprios impulsos, passa a se deslocar cada vez mais da totalidade do *self*, gerando assim o estado de alienação, o que, em estâncias mais avançadas, pode configurar o rompimento total entre *ego* e *self*. Diversos fatores ligados aos projetos do ego levam o ser humano ao afastamento deste centro psíquico. O caminho em direção a uma forma de existir mais profunda e determinada pelo que é fundamental configura o processo de individuação; seria o *ego* se entregando aos propósitos ou objetivos do impulso interior de crescimento.

Mantendo a base em Jung, Silveira (1994) nos apresenta o processo de individuação composto por etapas, sendo a primeira delas a *persona*, que corresponde às máscaras utilizadas pelo indivíduo no cotidiano, nas formas de comportamento em diferentes circunstâncias na busca pela adaptação social. Outra etapa corresponde à confrontação com a *sombra*, constituída por componentes diversos, como pequenas fraquezas e aspectos de imaturidade, complexos reprimidos e comportamentos maléficos, tendo também traços positivos de qualidades que não encontraram condições externas favoráveis para aflorar devido à impossibilidade do indivíduo em conduzi-las. A próxima etapa é formada pela *ânima* e pelo *ânimus*, que correspondem à personificação, à projeção e aos desejos de ordem das naturezas feminina e masculina, existentes no inconsciente de mulheres e homens. Quando a *persona*, a *sombra*, a *ânima* e o *ânimus* são reconhecidos e trabalhados de forma a dissolver os complexos e projeções por meio do embate entre o consciente e o inconsciente, é criada a possibilidade da expansão do mundo interior, o indivíduo volta a si mesmo de forma mais completa, composto consciente e inconsciente pelos aspectos opostos que o envolvem; por exemplo, como o que lhe é claro e escuro ou o masculino e feminino.

A estrutura desenvolvida para o trabalho se deu com base em duas referências, sendo uma de ordem masculina e a outra de ordem feminina: o tempo, na figura do deus romano *Janus*; a natureza, concebida comparativamente com os ciclos de vida da mulher. Segundo Cortella (2012):

Na religião romana da Antiguidade, há um deus chamado Janus, sempre representado por uma cabeça com dois rostos opostos, de modo a olhar para frente e para trás; essa divindade era considerada protetora dos começos, isto é, da hora inicial do dia e do primeiro mês do ano (Januarius), pois assim abria e fechava todas as coisas e guardava o passado (ano findante) e o futuro (ano novo). (p.95)

Ainda sobre Janus, Wolf (1995) nos conta que “as portas do seu templo, no foro romano eram fechadas em tempo de paz e abertas em tempo de guerra. Deus das portas tinha como estas, dupla face” (p.57).

De forma simbólica, este mito traz a concepção da necessidade de olhar para o passado e para o futuro, juntamente com o fechamento de ciclos com base na mudança de ano (tempo mensurável). Durante os períodos de paz, o mito denota a introspecção e, durante a guerra (atribuições), permite acesso para que aquilo que está fora se relacione com o que está dentro.

Considerando a faixa de idade das participantes, entre 40 e 60 anos, fazia-se imprescindível trabalhar com a sabedoria feminina. “O arquétipo da mulher sábia pertence a mulheres de todas as idades e se manifesta sob formas e aspectos singulares na vida de cada mulher” (ESTÉS, 2007, p.10). De forma poética, a mulher e a árvore apresentam mais coisas em comum do que se pode imaginar:

Toda árvore possui por baixo da terra uma versão primeva de si mesma. Por baixo da terra a árvore venerável abriga “uma árvore oculta”, feita de raízes vitais constantemente nutridas por águas invisíveis. A partir dessas radículas, a alma oculta da árvore empurra a energia para cima, para que sua natureza mais verdadeira, audaz e sábia viceje a céu aberto (ESTÉS, 2007, p.29).

As “águas invisíveis” configuram o inconsciente, enquanto a “alma oculta da árvore” configura o *self*.

O mesmo acontece com a vida de uma mulher. Como a árvore, não importa em que condições ela esteja acima da terra, exuberante ou sujeira a enorme esforço... por

baixo da terra existe “uma mulher oculta” que cuida do estopim dourado, aquela energia brilhante, aquela fonte profunda que nunca será extinta. “A mulher oculta” está sempre procurando empurrar esse espírito essencial em busca da vida... para cima, para que atravesse o solo cego e consiga nutrir seu eu a céu aberto e o mundo ao seu alcance. Seus períodos de expansão e reinvenção dependem desse ciclo (ESTÉS, 2007, p.30).

O caminho “para cima”, rompendo o solo em direção ao “céu aberto”, é o caminho de individuação. Por se tratar de um trabalho com mulheres, a presença do arquétipo da *ânima* é preponderante. Von Frazer (2008) nos traz este arquétipo como:

(...) a personificação de todas as tendências psicológicas femininas na psique do homem – os humores e sentimentos estáveis, as intuições proféticas, a receptividade irracional, a capacidade de amar, a sensibilidade à natureza e, por fim, mas não menos importante, o relacionamento com o inconsciente (p.234-235).

Mesmo com a insipiente força do arquétipo feminino, o percurso dos trabalhos nas oficinas teve como principal objetivo a integração dos arquétipos, sobretudo o resgate do *ânimus* e sua força masculina da realização e razão, cujas vivências nas oficinas trouxeram grande impacto ao grupo.

Assim, partindo das suas próprias experiências vividas no passado e no presente, cada uma das participantes empreenderia, em sua busca do reconhecimento dos elementos femininos (*ânima*), as reflexões sobre outros aspectos fundamentais para o caminho do autoconhecimento (*individuação*): suas relações com o mundo (*persona*), suas relações com os medos (*sombra*) e suas relações com as forças masculinas (*ânimus*). Para tanto, fez-se determinante a criação de um ambiente estimulante para que as descobertas feitas durante as oficinas – fossem elas por impulso ou por sabedoria – pudessem ser distribuídas, posteriormente, numa balança reflexiva, trazendo novos conteúdos e novas ações. “Numa psique equilibrada, essas duas forças, o espírito jovem e a alma velha e sábia, mantêm-se num abraço em que mutuamente se reforçam” (ESTÉS, 2007, p.19). Concepções de tempo e a natureza, então, passaram a ser determinantes para a construção da metodologia de trabalho a ser empregada nas oficinas.

3 O PROCESSO DE TRABALHO ARTETERAPÉUTICO

Na sala cedida pela Visarte Assistencial, procuramos manter, desde a primeira atividade, um ambiente acolhedor e de respeito, para que as participantes tivessem segurança e se sentissem bem. Bernardo (2008, p.14) aponta que esta disposição acaba “facilitando a construção do vínculo e viabilizando a vivência do processo de transformação interior que o trabalho com criatividade desencadeia”.

As oficinas de arteterapia, propostas para o grupo de mulheres, foram compostas por quatro etapas norteadoras, que constituíam o roteiro de atividades:

- Relaxamento com música ambiente e proposição de imaginação ativa;
- Apresentação de mitos, contos, poesias e produções artísticas diversas;
- Construção plástica de objetos;
- Apreciação dos objetos plásticos produzidos e mediação entre as demandas trazidas e os resultados refletidos pelo grupo.

Inicialmente, a proposta de relaxamento se deu com o objetivo acalmar e tranquilizar as participantes para o encaminhamento das atividades, podendo elas atribuir um tempo para si, praticando respiração controlada e alívio da tensão corporal. Em seu estudo sobre o estresse ocupacional, Soares (2011) mostra que diversas pesquisas têm sido realizadas, comprovando a importância do relaxamento e da meditação para o bem estar, trazendo transformações físicas e mentais, reduzindo os níveis de hormônios corticoides, proporcionando a sensação de alívio e paz, além de melhorar a memória e reduzir os níveis de ansiedade e dores crônicas. Com o decorrer das oficinas, diante da dificuldade de algumas delas em se soltar criativamente, compreendeu-se que este momento, além uma oportunidade de aliviar as tensões corporais, constituía uma importante abertura para aplicar algum *start* do processo criativo. Com base nos referenciais que as participantes trouxeram durante o convívio nas oficinas, sobretudo relacionadas a imagens da natureza e crenças pessoais, foram propostas situações em que ambientações eram criadas pela sugestão do mediador, trabalhando algumas imagens iniciais, a fim de que houvesse um primeiro contato com o universo criativo. A orientação das imagens sempre envolvia ambientes de natureza, para uma noção de totalidade, com a presença do elemento água, simbolizando o inconsciente (CHEVALIER; GHEERBRANDT, 2012).

Kast (1997) apresenta a importância da imaginação ativa como um método terapêutico proposto e aplicado por C.G. Jung em sessões de psicoterapia:

(...) visando tornar vivas as imagens de uma pessoa, despertando estas figuras internas por meio do discurso, ou seja, ativando uma camada profunda da psique e fomentando a discussão entre estas imagens, entre essas vozes, e ego despertado. A respeito desse método, Jung afirma que os imaginantes não apenas analisam o inconsciente, mas dão a ele a oportunidade de analisar o complexo do ego. Esse diálogo entre o ego e o inconsciente é a condição básica para o processo de individuação, para o processo psíquico, em cujo decorrer uma pessoa torna-se aquilo que de fato é (p.24-25).

A prática do que chamamos imaginação ativa, nas oficinas de arteterapia, não obedeceu estritamente ao método proposto por Jung, mas serviu de referência para o desenvolvimento de uma dinâmica que viesse das necessidades do próprio grupo, exigindo atenta observação e intuição do mediador. Identificada no grupo a absoluta predominância do gosto por flores e devoção ao cristianismo e seus símbolos, coube então a exploração destes aspectos frequentemente sugeridos durante a meditação no início das sessões. Cabe lembrar que, na medida em que esta prática se realizava, o grupo apresentava respostas que, muitas vezes, tinham absoluta consonância com os trabalhos que seriam iniciados em seguida, sobre os quais ainda não se sabia do que se tratavam. Após o processo de relaxamento e imaginação ativa, cada uma das participantes compartilhava seus pensamentos. Era frequente o relato de imagens em comum entre as mulheres que, apesar de compreenderem a possibilidade racional deste fato, não deixavam de se impressionar e estabelecer estes pontos como vínculo com as demais. É importante lembrar que este processo não objetivou a substituir a função dos mitos e contos na proposta do trabalho arteterapêutico, mas apenas a proporcionar uma ponte para o início do caminho a ser trilhado em cada oficina.

A segunda etapa dos trabalhos desenvolvidos com o grupo de mulheres tinha como principal objetivo apresentar um mito, conto ou alguma outra forma de expressão (poesia, pintura, escultura, dentre outras) que estabelecesse conexões com suas experiências pessoais e inconscientes.

Silveira (1996) nos aponta que os contos de fada, assim como os sonhos, são acontecimentos psíquicos. Enquanto os sonhos têm sua carga composta por fatores de natureza pessoal, os contos de fada refletem dramas da alma com materiais pertencentes a todos os homens em comum, por terem origem nas camadas mais

profundas do inconsciente, sendo comuns à psique de todos. Pertencem ao mundo arquetípico, tendo seus temas frequentemente retomados em culturas e épocas diferentes, com poucas variações (p.127).

Para Bonaventure (1992), os contos apresentam questões sobre o próprio ser humano, permitindo-nos usar suas imagens e possibilitando que seu sentido chegue até nós, tendo nos seus personagens semelhantes maneiras de se relacionar com as situações da vida. Na medida em que os momentos do conto são recuperados e revividos pela imaginação, despertam a memória e os sentimentos das experiências vividas. Assim, traz não somente uma história imaginária, mas algo sobre nós mesmos, que, por fim, constitui a busca por um sentido para a própria vida.

Cada vez que era apresentado o tema da oficina, eram propostas reflexões sobre aquilo que foi observado, como foi entendido, quais pontes eram estabelecidas entre a história e as experiências de vida, e em que posição na história cada uma se colocava, sendo convidadas a mudar de personagem algumas vezes. Após a reflexão, era iniciado o processo de confecção plástica dos sentimentos, sensações, impressões.

A construção plástica de objetos, no trabalho arteterapêutico, tem como finalidade, nesta terceira etapa, a exteriorização de ideias e ideais que possam trazer à tona, de forma concreta, as necessidades individuais, possibilitando o confronto da sensação de incompletude com encontro dos recursos pessoais, dando nova vida ao que está oculto, conduzindo à sua superação pessoal. Assim, “a experiência do trabalho de arteterapia tem a possibilidade de reconstrução e de integração de uma personalidade” (URRUTIGARAY, 2008, p.17). E como consequência:

(...) ao ser possível integrar, pela atuação consciente o resultado do criado com a temática emocional oculta na representação apresentada, o sujeito adquire a condição de transcender as suas vivências imediatas, experimentando novos sentimentos e disponibilizando-se para novas oportunidades (*Idem*, 2008, p.17).

Tão importante quanto a finalidade do uso de arte nos processos terapêuticos é a tipologia dos materiais usados, tendo estes a capacidade de proporcionar diversos tipos de reações, sensações e sentimentos, de acordo com a estrutura psíquica de

cada indivíduo. “A materialização resultante de uma ação de modelar, sobre diferentes elementos plásticos, viabiliza a estruturação de um campo psicológico diferenciado de modelos culturais, que possam estar distanciados da realidade pessoal” (URRUTIGARAY, 2008, p.52). Os papéis das cores e formas são fundamentais:

A possibilidade da vivência de experiências sensoriais, dadas pela percepção de formas, texturas, cores, volumes, gerados pela materialização ou concretização de si mesmo, torna possível a ação de plasmar a si mesmo. Logrando a realização da individuação, dada a atenção focalizada na sua própria ação (*Idem*, 2008, p. 52).

Buscando a aplicação de um olhar para a realização expressiva quanto ao que cada indivíduo pode produzir, os trabalhos se desenvolveram buscando não a exaltação de valores estéticos, mas o potencial do jeito de fazer de cada um. Existe uma tendência natural dos participantes de oficinas arteterapêuticas em exaltar o trabalho esteticamente perfeito, fato este que advém de um contexto social voltado à construção deste olhar. Normalmente aquele que detém uma gama maior conhecimentos técnicos e artísticos tende a ser um ponto de comparação naquilo que produz. Cabe ao mediador a intervenção no sentido de estimular a reflexão sobre o modo de fazer peculiar a cada um, favorecendo sempre a troca de conhecimentos e de técnicas diversas entre si. Quanto maior o repertório expressivo de cada participante, maiores serão suas possibilidades de expressão:

O diferencial terapêutico se enquadra no convite à participação de tornar-se autor de suas expressões e não como mero ator protagonista ou antagonista de “personagens” determinadas pelo seu contexto social, A conquista de poder ser de diferentes modos expressivos, de sentir-se bem em função da situação do momento, fortifica o ego adotando-o de diferentes modalidades adaptativas (distintas personas), sem contudo, tornando-se despersonalizado, apenas um aprendiz da flexibilidade necessária frente à diversidade do viver (*Idem*, 2008, p.52).

Na quarta e última etapa, a apreciação dos objetos produzidos em uma oficina de arteterapia não compreende o encerramento em si da proposta: fecha-se o ciclo

daquele momento específico e se abre um grande leque de novas abordagens. O trabalho desenvolvido com diversos materiais proporciona, ao seu realizador, possibilidades conscientes e inconscientes de apreensão quando precisa lidar com a experimentação e incorporação dos resultados decorrentes da manipulação de diferentes texturas e sensações provocadas pelo processo; como aprender sobre si mesmo ao confrontar, para além do que impõe a cultura e vida social, as imagens criadas como vivências próprias. No caminho da individuação do sujeito podem surgir duas situações determinantes:

- a) Recusar a encarar estes conteúdos, deixando-os seguir sem uma atuação responsável diante dos mesmos; ou (...); b) Eliminar ditos valores de acordo com procedimentos de correção ou educação de si mesmo, dados pela opção saudável de querer senti-los se sofrê-los construtivamente dirigidos por uma postura mais humilde e humana frente aos seus próprios pareceres desprezíveis e inaceitáveis (URRUTIGARAY, 2008, p.68-69).

A *sombra* tende a provocar defesas com base nas posturas incorporadas pelos modelos idealizados culturalmente, afastando o indivíduo da possibilidade de se fortalecer, não aflorando suas reais necessidades e possibilidades. Tendo o indivíduo, por meio das atividades expressivas, a possibilidade de se ver como ele de fato é, sofrendo o impacto diante das imagens produzidas, ele pode avançar um passo em direção à sua realidade individual.

A mediação arteterapêutica tem como principal objetivo estimular que o participante realize sua obra, observando suas reações e expressões durante a execução do trabalho, auxiliando no encaminhamento das reflexões durante o processo e depois dele.

4 ESTUDO DE CASO

O trabalho arteterapêutico realizado na Visarte Assistencial com cinco mulheres¹⁰, sendo quatro delas participantes das oficinas de artesanato e uma colaboradora da instituição, apresentou resultados positivos e superou as expectativas tanto da instituição quanto dos proponentes e das próprias participantes.

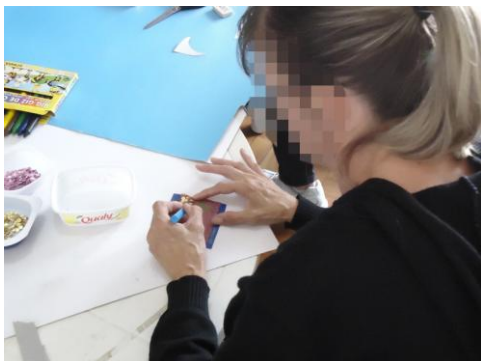
As oficinas de arteterapia possibilitaram para estas mulheres uma oportunidade de atribuir um tempo para elas mesmas, observando a si e refletindo sobre seu papel no contexto familiar e social, trabalhando questões positivas como a autoestima; apoderando-se das próprias vontades e sentimentos; a mudança de olhar para o outro. As questões negativas foram trabalhadas com os efeitos da mágoa, da autoanulação e depressão. A sinergia de grupo criada entre as elas, cujo grau de generosidade e atenção de umas com as outras foi, muitas vezes, comovente, marcou significativamente cada uma das oficinas e foi indiscutivelmente o ponto forte do trabalho.

A participante escolhida para o estudo de caso apresentou, ao longo do processo das oficinas de arteterapia, uma evolução muito significativa em relação às demandas pessoais apresentadas, com resultados claros de transformação em seu comportamento e no modo de agir diante do seu histórico de vida e questões atuais que vivenciava; fatos determinantes para exemplificar tanto a linha de trabalho desenvolvida quanto os objetivos e resultados que foram construídos nesta experiência.

Leda, 51 anos, casada, mãe de três filhos e avó de uma menina de dois anos. Viveu dos três aos sete anos em instituições. Foi adotada por um casal de acionistas de uma grande empresa de cervejas. Pediu para que seus pais mudassem seu nome, do qual não gostava e ela mesma escolheu como queria ser chamada. Foi devolvida para a instituição onde vivia anteriormente, voltando a ser adotada somente aos 15 anos por uma ex-funcionária do local. Não tinha nenhuma referência da família de origem, a qual desejava conhecer. Aos 33 anos passou por problemas conjugais, quando o esposo teve uma filha com outra mulher. Quando tinha 43 anos encontrou e visitou a mãe biológica. Recentemente, seu esposo passou por um tratamento de câncer, que foi eficaz e o curou. Seu filho mais velho, de 30 anos, é dependente químico e tem passado por uma fase delicada do problema.

¹⁰ Os nomes aqui apresentados são fictícios para proteger a identidade das participantes.

Quando se inscreveu na Visarte Assistencial, ela apresentava um quadro de depressão e comportamento antissocial. De poucas palavras, cabisbaixa, com a expressão sempre fechada, não era dada ao contato físico (beijo no rosto, abraço) para cumprimentar as colegas. Evitava olhar as pessoas nos olhos e se posicionava negativamente em relação a qualquer questão que fosse levantada.

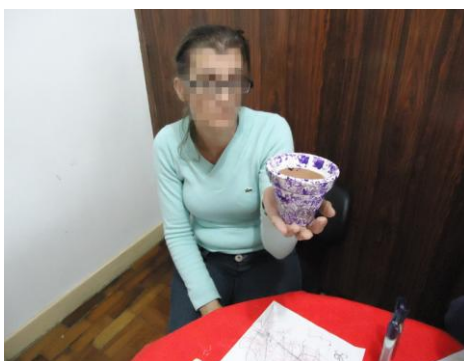


Convecção de um crachá com o próprio nome

Na primeira oficina com o grupo, no mês de maio de 2013, as participantes foram convidadas a refletir sobre o próprio nome, para posteriormente fazer uma apresentação de si mesmas e confeccionar um crachá. Já neste momento, Leda trouxe, em forma de um desabafo emocionado, grande parte das informações de sua vida. Sua história emocionou as demais colegas, deixando estas mais à vontade para falar também. A questão do nome era determinante em seu caminho, uma vez que, quando criança, havia solicitado que fosse trocado. Afirmou abertamente sofrer com a rejeição ocorrida por duas vezes quando criança, uma pelos pais biológicos e outra pelos pais adotivos. Entendeu a mudança de nome como a possibilidade de transformação de um período. Acreditou trazer uma nova perspectiva em relação à sua vida, passada: “eu queria apagar o que aconteceu”. No entanto, a confecção plástica do nome trouxe alguns elementos interessantes para o contexto: além da dificuldade muito grande em escolher e selecionar materiais, ou de que forma fazer a atividade, Leda fez um crachá pequeno, com o nome também pequeno. A mudança de nome não fora suficientemente forte para desfazer a sombra que a rejeição da infância lhe impusera. Silveira (1994) nos fala que “quanto mais a sombra for reprimida, mais se tornará negra” (p.93). Ao refletir o próprio nome, a forma material (plástica) que o apresentou, Leda refletiu sobre a presença deste passado em seu presente, o quanto se vê frágil e insegura, com medo de rejeição. Esta postura automaticamente se refletia na sua persona, ou seja, o seu apanhado de papéis sociais. A dificuldade de se impor diante de algumas situações, principalmente como mãe e esposa, foram

evidenciadas ao longo do processo. A perceptível dependência dos filhos para que ela resolvesse os problemas que poderiam ser resolvidos por eles, que ligavam constantemente em seu celular enquanto estava nas oficinas, a fez pensar muito sobre isso.

Dois meses depois, em junho de 2013, enquanto trabalhávamos em uma atividade com a ornamentação de vasos para plantar, Leda chegou à oficina com sua neta. Disse que não poderia ficar, pois teria que cuidar da menina em casa. Convidada a estar presente mesmo com a menina, preferiu ir embora. O roteiro de trabalho foi seguido com o grupo, iniciando pelo relaxamento. Nesta parte do processo já desenvolvíamos a temática dos ciclos da natureza e da vida da mulher, iniciávamos uma reflexão sobre o papel da Grande Mãe nas civilizações antigas, tendo como base a imagem da Vênus de Willendorf¹¹. Leda então retornou e disse: “minha nora estava em casa e deixei a menina com ela. Eu tenho minhas coisas pra fazer, não vou ficar faltando nas aulas por causa dos outros”. Recebeu imediato apoio das colegas e procurou se inteirar do que estava acontecendo. Após este dia, procurou se posicionar de forma mais enérgica em diversas outras ocasiões, inclusive mantendo o celular desligado durante as oficinas, para não ser incomodada: “aqui é o momento que tenho para mim. Eles que aprendam a resolver as coisas!”, afirmou em determinada ocasião. O medo de magoar os filhos ou o esposo, por ela não fazer imediatamente o que queriam, foi gradativamente sendo substituído pela necessidade de se impor diante das coisas que deseja realizar para si.



Ornamentando o vaso

¹¹ Pequena estatueta conhecida como a “Venus de Willendorf”, que se encontra no Museu de Viena (Áustria), encontrada nas proximidades do rio Reno, cuja data de confecção se calcula entre 20 a 24 mil anos a.C. Dentre outros significados, acredita-se que ela se relaciona aos cultos que povos primitivos faziam para a fertilidade da Grande Mãe, que simbolizava a terra, dadas as proporções do seu corpo, genitálias e seios. – Site do Museu de História Natural de Viena (Áustria) - <http://www.nhm-wien.ac.at/en/en/museum> - Leitura 25/06/2013.

Leda tinha a rejeição como padrão de comportamento inicial. Na maior parte das propostas que fizemos nas oficinas, reagia com a frase “eu não sei fazer”. Tinha dificuldades em escolher materiais, em decidir como e o que começar, ficando bastante ansiosa. Nas primeiras atividades, juntamente com a Rosa, apresentava grande dificuldade para abstrair e imaginar, fato que conduziu a mudança da metodologia de trabalho e a inserção da imaginação ativa no relaxamento que executávamos sempre ao início dos encontros. Se por um lado ficou evidenciado que a Rosa procurou usar este recurso dentro de limite proposto, por outro, Leda teve esta ferramenta como fundamental importância para expandir no seu processo criativo. A mesma riqueza de detalhes, com que imaginava as sugestões feitas pela mediação arteterapêutica, passou a ser usada por ela, em certa medida, na execução dos trabalhos plásticos e em larga escala na contemplação destes. As limitações apresentadas outrora, decorrentes de sua retração e pouca sociabilidade, deram espaço para mudanças, não somente no campo imaginativo e criativo, mas também nas relações interpessoais.

No mês de agosto de 2013, quatro meses após os inícios das oficinas, Leda, ao chegar à instituição, cumprimentava a todos as colegas com beijo no rosto e, com as pessoas mais próximas, abraços carinhosos. O sorriso no rosto e a disposição em debater algumas questões, como dar opiniões, tornaram-se mais frequentes.

Neste período, a proposta de uma atividade de desenho com água e tinta óleo teve um grande impacto sobre o grupo. O conto condutor da atividade foi *Fátima Fiandeira*¹², cuja história da protagonista é repleta de situações que saem de controle, seja por questões da natureza, seja por ação humana, mas que, ao final, a personagem consegue reunir cada uma das suas experiências vividas na realização de um último trabalho que lhe proporcionou, finalmente, a possibilidade de viver feliz. A impossibilidade de controle do resultado do desenho, que surge quando o papel é passado pela superfície da água em que flutua a tinta óleo, criou de forma involuntária efeitos diversos, trazendo também uma diversidade significativa de imagens. Leda, que, meses antes, ainda no início dos trabalhos, tinha grande dificuldade em imaginar e criar, era a mais animada, encontrando inúmeras formas em seus desenhos (sobretudo de animais), auxiliando também as colegas a encontrarem novas figuras. Compreendeu que, assim como no conto – em que Fátima era acometida de situações

¹² Vídeo com a apresentação do conto por Ana Luísa Lacombe - <http://www.youtube.com/watch?v=yeCjAJepywA> – Visto 14/09/2013.

que a vida trazia, tendo que lidar com isso –, os desenhos também apresentavam formas que independiam de sua ação consciente para existir, cabendo o olhar atento de diferentes perspectivas para a atribuição de novos significados.



Imagem feita com água e tinta óleo

Uma questão muito recorrente e de forte impacto sobre o grupo estava relacionada ao papel do masculino em suas vidas. Naturalmente, as figuras de pais, esposos e filhos traziam o entendimento construído por cada uma delas sobre este conceito, baseado fundamentalmente em suas experiências de vida. Logo na segunda semana de oficinas, havíamos introduzido o mito de Janus – como já mencionado anteriormente, deus romano masculino que guarda as portas do tempo – a fim de que pudéssemos trabalhar os temas das oficinas, seguindo a orientação da simbologia do mito, sempre olhando para o passado e para o presente, mas sem adentrar no conceito, atendo-se exclusivamente à proposta objetiva do mito.



Representação de Janus

Olhar para o passado representava defrontar-se com os medos (sombras) construídos durante a vida, que fizeram que Leda se emocionasse ao recordar cada uma das passagens, estabelecendo pontes com o presente, procurando compreender

as próprias atitudes e disposição com que encarava as situações. Assim, a razão que encontrou em seu *ânimus* passava ocupar espaço, selecionando e recortando estas memórias, atribuindo a elas seu novo valor. Era possível, então, ser mãe sem excessos, sabendo dizer não quando preciso e pontuando junto aos filhos a importância do papel do seu esposo e pai deles, mesmo tendo a autoridade dele passado por momentos de instabilidade. E, como fez “Fátima Fiandeira”, Leda passou a ver novas possibilidades de viver feliz e melhor.

O aprofundamento no animus se deu com a proposta de trabalho da confecção de um totem, que objetivou a refletir o conceito do masculino (*animus*) para além das construções pessoais. “Se atentamente cuidado e integrado pelo consciente, traz à mulher a capacidade de reflexão, de autoconhecimento e pelas coisas do espírito” (SILVEIRA, 1995, p.102). Com base nas culturas nativas da América do Norte, foi apresentada a função social do totem e sua representatividade nestes grupos indígenas. Posteriormente, ao trazer o masculino como ponto agregador da razão e do fazer, houve então, por parte de algumas participantes, a recusa imediata ao símbolo. Selma e Damaris relacionaram a questão masculina da razão não como um ato de ciência e avaliação das partes, mas como uma imposição no sentido de “ter razão”, não conseguindo se desprender de fatos que vivenciaram, para elaborar a ideia colocada. Ambas colaboraram de forma muito limitada na construção do totem, recortando figuras para colar no grande cone, posteriormente interrompendo suas participações e externando o que pensavam sobre o homem. Não houve tempo para terminar a atividade no mesmo dia, ficando a sua conclusão para a semana posterior.

No intervalo entre os encontros, ocorreu o encontro semanal com a supervisão, momento este imprescindível durante todo o percurso da prática supervisionada, cuja importância, nesta ocasião, foi determinante. Diante da postura de recusa de parte do grupo para a atividade, e sendo esta parte do processo fundamental para o trabalho, foram discutidas e refletidas alternativas para retomar o tema do totem e o fechamento desta etapa. Assim, no retorno para a sequência da oficina na semana posterior, houve então o esclarecimento mais aprofundado sobre a diferenciação do masculino/homem e razão científica/ter razão. Na sequência, as participantes foram convidadas a mudar seu ponto de visão do objeto antes de voltar a interceder nele. Diante de uma pequena fração de tempo, em que ficaram imóveis e em silêncio, a mediação optou por deitar o totem por sobre a mesa em que estavam. Houve, assim, a quebra da retração que as participantes sentiam e todas elas se debruçaram sobre o

totem para nele escrever, pintar e colar. Damaris, resistente no encontro anterior, sorria enquanto auxiliava Thais na decoração. Rosa estava literalmente sorrindo e debruçada sob o totem a desenhar formas. Leda escrevia palavras positivas e o nome de todas as pessoas que lhe eram importantes em sua vida. Logo surgiram, de todas elas, depoimentos sobre momentos em que viram seus esposos fragilizados e o quanto isso lhes foi impactante. “Meu marido sofreu com o câncer, mas hoje está curado. Ele é aparentemente durão, mas no fundo também é uma pessoa sensível, que não sabe se expressar muito bem”.



Etapas da elaboração do totem

A fala sobre o esposo, externada de forma reticente e magoada em outros momentos, tomou nova forma. Leda compreendia a importância do masculino, tanto no esposo quanto em si, identificando no problema do filho a questão: “O R., apesar de tudo que faz, não deixa de respeitar o pai. Quando meu marido fala, ele [o filho] fica em silêncio. Ele tem aquele medo de filho, todas as vezes que apronta, ele se esconde para não ter que encarar o pai”. Para ela, foi quando o problema conjugal com o marido veio à tona, fazendo que o filho perdesse a admiração pelo pai, que o envolvimento dele com as drogas aconteceu:

Eu levei dezoito anos para superar um problema conjugal com meu marido. Mas acredito que hoje esteja bem. Mesmo depois de tudo que aconteceu, não deixo meus filhos perderem o respeito pela autoridade que tem nele. Independente do que ele fez, ele é pai e tem que ser respeitado. Quando eles não queriam respeitar, eu ficava uma fera e colocava ordem.

O entendimento do masculino, com o símbolo presente tanto para o homem quanto para a mulher, foi apreendido de forma muito intensa pelo grupo.

O envolvimento com as demais colegas e com a instituição se intensificou e Leda passou a participar de eventos promovidos dentro e fora da Visarte. Sua amizade com a Thais se solidificou e ambas passaram a desenvolver juntas inúmeras ações, como, por exemplo, um estágio voluntário no ateliê de restauro, recuperando peças em madeira, além de outros trabalhos executados para a instituição e do convívio pessoal no cotidiano.

Ao final dos trabalhos, Leda avaliou sua participação nas oficinas e as mudanças pelas quais passou:

Apreendi que, quando você fala, você se cura. Procurei dividir meus problemas conforme as propostas que nos faziam. Tenho buscado ser mais calma e menos ansiosa. Nas oficinas aprendi bem algumas coisas. Sempre fui muito fechada. Levei dez anos pra contar pra minha mãe sobre meus problemas com meu marido. Acredito que hoje tenho dois terços de paciência e consigo lidar melhor com os problemas. Lamento o final da arteterapia, mas o restauro de peças que faço na Visarte tem sido uma nova terapia.

Leda já se posiciona de forma a continuar fazendo algo por si mesma. Como colocou, trabalhar com restauro de peças tem sido sua nova terapia, apontando a necessidade de se manter em um processo de busca do que lhe faz bem, mantendo-a equilibrada e ativa. A incorporação de novas rotinas às oficinas e às ações da Visarte Assistencial apresentam também a vontade de realizar, agir e fazer, sendo estas as características do arquétipo masculino, que tem deixado aflorar juntamente com a razão, além do seu posicionamento diante dos filhos – no que diz respeito aos limites

e condições para que busquem seu auxílio ou decidam por si mesmos – estabelecendo regras e limites para situações diversas. Este momento em que Leda tem vivido mostra claramente um caminho ressignificação de padrões, ela se apropriou do potencial que o *ánimus* tem para auxiliá-la a encontrar o que é fundamentalmente sua essência.

5 FALANDO SOBRE A PRÓPRIA TRANSFORMAÇÃO

Mudanças foram acontecendo gradativamente, perceptíveis nos gestos, posturas e disposição das participantes quanto à atenção e ao cuidado consigo próprias e com as outras pessoas, influenciando as colegas e colaborando com elas, tanto no ambiente de aprendizado quanto na instituição de modo geral. Algumas oscilações durante o processo, sobretudo decorrentes das questões familiares, apresentaram-se como dispositivos propulsores das participantes, que se fortaleciam no grupo, fato evidenciado no depoimento de Damaris, 56 anos: “apreciei muito o estado de grupo criado com as colegas. Éramos conectadas de forma maternal, ligadas por doenças diferentes e busca da devida cura”.

No caminhar dos encontros, transformações significativas ocorreram na forma de ver as situações vivenciadas por cada uma e na observação quanto à necessidade primordial de cuidar melhor de si, buscando ajuda profissional adequada e uma consequente melhora na qualidade de vida, refletindo e influenciando, de forma positiva, no bom funcionamento e produtividade dos ambientes de trabalho.

A seguir, eu não poderia deixar de elencar como cada uma das outras participantes iniciaram o projeto e como estavam ao final dos encontros.



Elaborando mandalas de Frutas



Olho de Deus

Damaris, 56 anos, psicóloga e portadora da Síndrome de Cushing¹³. Procurou a oficina de arteterapia por indicação da gestão da Visarte Assistencial, onde é

¹³ A síndrome de Cushing causa sintomas e complicações sérias como obesidade centrípeta, isto é, ocorre na face e no abdome, mas não nos membros que, ao contrário, são finos e com atrofia da musculatura, o que causa fraqueza muscular. Aparecem estrias largas e de cor violeta (geralmente no abdome e raiz dos membros) e equimoses (manchas roxas) frequentes. Pode levar ao diabetes e hipertensão e pode ser causada por uso excessivo de corticóide, por via oral, injetável ou mesmo tópica, como nasal ou pela pele; mas pode ser também decorrência de produção excessiva de cortisol (corticóide produzido nas supra-renais), seja por tumor das supra-renais (também chamadas adrenais)

colaboradora, para aliviar a tensão cotidiana provocada por questões pessoais e decorrentes da doença. Desejava também conhecer as abordagens usadas nas oficinas, a fim trabalhar com outras possibilidades em seu consultório. Ao final das oficinas, desenvolveu grande amizade com as demais participantes, o que a levou a participar mais da instituição. Recuperou a vontade de usar técnicas artísticas e desenvolver trabalhos em grupo na sua atividade como psicóloga (os quais vinham sendo encaminhados em caráter mais teórico). Tem maior vontade de se curar e cuidar dos outros. Voltou a olhar para as questões da fé. Segundo ela, “cada uma das participantes contribuiu para que eu voltasse a encontrar força na fé. A Thais é um exemplo de força de recuperação”.

As oficinas me serviram muito para ver as coisas que fui perdendo com o tempo, no meu trabalho como psicóloga. Fiquei atenta nas linhas de abordagens usadas pelos arteterapeutas, pois pretendo atuar menos teoricamente e mais de forma prática com meus pacientes.

Thais, 42 anos. Em seu histórico consta abuso sexual na infância e adolescência, além de sentimento de rejeição e tentativas de suicídio. É casada com um primo e com ele teve quatro filhos, sendo as duas primeiras mais velhas, de 22 e 23, com boa saúde. Os outros dois filhos nasceram com doenças congênitas. Ambos demandavam cuidados especiais em tempo integral por parte da mãe, que se ausentou da formação das filhas maiores. O menino faleceu com 12 anos e a menina com 6 anos. Guarda luto por ambos os filhos, mas sofre muito mais com a perda da filha, tendo profundas crises de depressão. Hoje, lidera algumas das novas frentes de produção artesanal da instituição para eventos e períodos de festa. Também na instituição, faz oficina de restauro em madeira para desenvolver peças e produzir soluções. Tem auxiliado as colegas em implementar requintes artísticos na produção do artesanato. Pessoalmente, tem conseguido ressignificar gradativamente a perda dos filhos, além de se dedicar mais ao esposo, às duas filhas e ao neto. Tem se posicionado de forma mais concreta em relação às questões da vida familiar. Desenvolveu uma forte amizade com o grupo, sobretudo com a Leda.

ou por tumor produtor de ACTH, que é o hormônio hipofisário, que estimula as adrenais. Site da Sociedade Brasileira de Endocrinologia e Metabologia. <http://www.endocrino.org.br/doenca-de-cushing-neuroendocrinologia/> - Leitura 17/12/2013.

Eu espero poder, de alguma forma, retribuir tudo que eu tenho recebido aqui na Visarte. Obrigado pela atenção e por dedicarem momentos do tempo de vocês para vir nos ouvir e trocar tantas coisas importantes com a gente.

Rosa, 55 anos, apresentava um quadro de depressão, agravado pela perda da mãe, que sofria de Alzheimer e vivia em uma instituição, fato este que lhe causava grande culpa e medo de também ter a doença. Era retraída e de poucas palavras, com enorme dificuldade de trabalhar com a imaginação. Apesar de não verbalizar, evidenciava difícil relação com o esposo, de quem era coadjuvante. Fez todos os cursos da Visarte Assistencial e outros fora. Integra uma das frentes de produção artesanal para eventos e períodos de festa. Hoje, bem mais comunicativa e participativa, aprendeu panificação para ser fomentadora em um dos programas que a instituição promoverá em 2014. Está visivelmente mais disposta, com a cabeça erguida e semblante confiante. Sempre sorrindo, interessa-se por assuntos diversos e sempre tem uma palavra positiva para oferecer nas trocas de experiências com as colegas.

Eu precisava de ajuda e não sabia como fazer. Sentia vontade de ficar quieta, cada vez mais. Minha família tem tendência à depressão. Os cursos abriram horizontes e trouxeram superação. No começo, eu sentia medo sobre com o que vocês iriam mexer. Depois passei a ter preocupações com o que teria que fazer. Mas aprendi a refletir e não repetir comportamentos.

Selma, 56 anos, divorciada, vive com a mãe. Tem uma difícil relação com um dos filhos, recentemente separado da esposa. Há quatro anos descobriu um câncer de mama, superando a doença com o tratamento, mas ainda em processo de manutenção medicamentosa. Apresentava muita desconfiança com relação às pessoas do seu convívio. Com o que aprendeu na instituição, criou um ateliê em sua casa para desenvolver peças de artesanato. Optou por um caminho individual, mas participa com as colegas de algumas feiras e frentes de trabalho de produção da Visarte Assistencial. Pessoalmente, está menos ansiosa, mais autoconfiante e paciente com as situações e com o tempo (esperar). Tem procurado ser mais intuitiva e menos desconfiada. Compreende que o processo que passou com o tratamento da doença é um impulso para continuar transformando sua vida.

Apreendi a prestar mais atenção na intuição e crer, a me chocar menos com o outro. Apreendi também a escutar mais, desconfiar menos e encontrei formas de permitir que as coisas caminhem até onde possam.

Os objetivos traçados juntamente com a Visarte Assistencial foram satisfatoriamente alcançados. O grupo de mulheres que participou das oficinas de arteterapia teve grande destaque e um papel diferenciado em relação aos demais grupos formados na instituição. Conscientes da importância que o projeto teve para elas, escolheram permanecer no quadro de voluntariado da associação. Leda, Selma, Rosa e Thais têm, hoje, indiscutível importância nas frentes de trabalho (trabalham juntas em algumas), participando de eventos, colaborando na manutenção do espaço e na difusão do que aprenderam nas oficinas, além de demonstrar grande vontade de colaborar com o crescimento institucional.

A arteterapia se mostrou como forte instrumento de auxílio no processo de autonomia destas mulheres, proporcionando, simultaneamente ao aprendizado de técnicas de trabalho, o resgate da autoestima e confiança, o que proporciona, assim, a integralidade de pontos determinantes para a sequência de suas vidas, com novas referências, ideias e motivações.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muito tem se falado sobre a ascensão da mulher na sociedade, fato evidenciado pela forma que ela tem ocupado espaços, principalmente na gestão pública e mercado de trabalho. Hoje, as mulheres detêm poderes políticos e econômicos, liderando diversas nações pelo mundo, deixando suas marcas na história da civilização contemporânea. No entanto, mesmo com séculos de lutas e direitos conquistados, sobretudo nas últimas décadas, ainda não se configurou a libertação de estruturas sociais e culturais enraizadas que estão ao seu redor, sustentando o protagonismo do homem. Se por um lado as estatísticas mostram que a mulher tem conseguido mais anos de estudo que o homem, por outro seus salários ainda permanecem mais baixos. Para além das questões de trabalho, no caso do Brasil, por exemplo, ainda que detentor de uma constituinte embasada nos direitos humanos, um dispositivo de proteção como a Lei Maria da Penha¹⁴ foi necessário de ser criado para assegurar a integridade da mulher diante da violência física e moral que sofre diariamente.

Mas, para além das reflexões macro deste universo que envolve a mulher, no cotidiano de cada uma delas que compõe esta estrutura, histórias de vida vão se constituindo repletas de estigmas e superações. Esta mulher que está no nosso caminho, seja como mãe, irmã, filha, esposa ou qualquer outro papel que desempenhe, tem em si a energia transformadora do mundo pelo amor acolhedor e capacidade de cuidar do próximo. Sua capacidade (comprovada por pesquisas) de viver mais tempo do que o homem está ligada diretamente ao seu poder de procurar saúde e proporcionar cura:

Dentro da psique de muitas mulheres existe algo que entende intuitivamente que o conceito de “curar” está incluído na palavra “saúde”. Quando ferida, ela se torna “cheia de cura” – cheia de recursos de cura -, o que significa que algum filamento vibrante, gerador de vida. No seu espírito e na sua alma se move persistentemente

¹⁴ Lei n.o 11.340 de 07 de agosto de 2006 - Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do §8o do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres e da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; altera o Código de Processo Penal, o Código Penal e a Lei de Execução Penal; e dá outras providências. - http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm - Leitura 17/06/2013.

na direção da nova vida, seja na busca de muitos tipos de forças, seja na reconstituição da integridade perdida, seja na criação de um novo tipo de integridade, diferente da que havia antes (ESTÉS, 2007, p. 40).

A experiência do trabalho arteterapêutico com um grupo de mulheres apresentou alguns episódios desta história de construção da Grande Mulher, com resultados humanamente enriquecedores.

A proposta criada juntamente com a Visarte Assistencial tinha objetivos consonantes com a missão da instituição: de formar profissionais em artesanato, auxiliando a consolidar, com as pessoas que procuram os cursos oferecidos, a sua permanência na rede profissional e também no engajamento do trabalho social. Hoje, quatro das cinco participantes estão envolvidas diretamente nas ações da instituição, não somente na produção de artesanato, mas também como fomentadoras e replicadoras do que aprenderam. Houve significativo destaque das participantes das oficinas de arteterapia em relação às demais cursistas que não fizeram parte grupo. O sucesso e evidente relevância do trabalho arteterapêutico nesta experiência possibilitou a negociação com a instituição para futuras oficinas e a possível incorporação da arteterapia como componente fixa dos serviços oferecidos pela entidade.

A sinergia desenvolvida pelo grupo foi determinante para o sucesso do trabalho. O convívio com as realidades apresentadas pelas participantes em cada sessão não somente causava comoção umas nas outras, mas também criou entre elas um ambiente de respeito, carinho e atenção, pautado na generosidade. A forma que partilharam suas ideias, seus sentimentos, suas mudas de plantas, seus pães e bolos feitos especialmente para as colegas, criou a força das relações para além do momento arteterapêutico semanal, permitindo assim uma base de sustentação a mais nas novas amizades que descobriram; amizades estas que se mantêm e que têm proporcionado novos sentidos de viver para estas mulheres.

Cada uma, a seu modo, atingiu seus objetivos ao final do processo. Mesmo não tendo pensado algum ponto específico para alcançar, conseguiram consolidar mudanças importantes em suas vidas durante estes meses em que participaram das oficinas de arteterapia. As oficinas preparadas para o auxílio no processo de individualização destas mulheres passaram pelos caminhos propostos por Jung, trazendo mitos, contos e atividades de construção plástica de objetos que permitissem a

reflexão dos papéis sociais exercidos (*persona*), dos medos e anseios (*sombra*), do equilíbrio das características femininas e masculinas (*anima e animus*) no dia a dia e na identificação dos sentimentos e desejos que são, de fato, constitutivos da intimidade e da psique de cada uma delas.

As atividades que trouxeram o *ânimus* à tona possibilitaram – para além da reflexão do papel dos homens que fazem parte das suas vidas (pais, irmãos, esposos, filhos, netos, dentre outros) – a busca dos elementos masculinos dentro de si mesmas para encontrar a melhor forma de equilíbrio, possibilitando assim uma maior efetividade de participação e posicionamento diante das questões cotidianas, bem como a busca de novos conhecimentos e afazeres que pudessem lhes transformar as rotinas, auxiliando também no provimento de recursos em seus lares.

Para mim, proponente das oficinas que compuseram esta prática supervisionada em arteterapia, as respostas às perguntas que tive sobre as mulheres, ao longo dos anos, longe de constituir respostas definitivas, configuram, acima de tudo, a admiração pela força, resistência e capacidade de recriar e reinventar que possuem, ainda que diante das mais variadas adversidades.



Leda: Brincar de Viver

ABSTRACT

SUMMARY: This article intends to discuss some experiences on the art-therapeutic work developed with women between 40 and 60 years old, in parallel to the handicraft workshops promoted by Visarte Assistencial, between April and October in 2013. Front of the presentation of several social demands that fled from the exclusive economical context – since the project was designed to low-income women – the institution faced itself in front of a different situation for the proposed social care, when it was also sought by middle-class women, affected by other issues such as depression, divorce, widowhood, loss of family and chronic diseases or searching for a new meaning of life. This way, the art-therapeutic work goals were drafted along with the institution, aiming, apart from the development of the professional activities question, the development of self-management and self-confidence, having community as benchmark starting point.

KEY-WORDS: Art-therapy – individuation – women – vulnerability

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERNARDO, Patrícia P. **A prática da arteterapia: correlações entre temas e recursos**, volume I: temas centrais em arteterapia. São Paulo: Ed. do Autor, 2008.

BONAVENTURE, Jette. **O que conta um conto?** São Paulo: Paulinas, 1992.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANDT, Alain. **Dicionário dos Símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números**. Trad. Vera da Costa e Silva. et al. 26 Ed. Rio de Janeiro: José Olympio. 2012

CORTELA, Mário S. **Não nascemos prontos! Provocações Filosóficas**. 14. Ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

ESTÉS, Clarissa P. **A ciranda das mulheres sábias**. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

KAST, Verena. **A imaginação como espaço de liberdade – diálogos entre o ego e o inconsciente**. São Paulo: Loyola, 1997. – p. 24-25.

SILVEIRA, Nise. **Jung: Vida e Obra**. 14 Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

URRUTIGARAY, Maria C. **Arteterapia – A transformação pessoal pelas imagens**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2008.

VON FRANZ, Marie L. **O processo de individuação**. *in*: JUNG, Carl G. (Org.) **O Homem e seus símbolos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008. p. 207-307.

WANDERLEY, Lula. **O Dragão Pousou no espaço: arte contemporânea, sofrimento psíquico e Objeto Relacional de Lygia Clark**. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

WOLF, Roberto G. **Mitologia Greco-Romana**. São Paulo: Palmape, 1995.

ARTIGO (Não Publicado)

SOARES, Ana L. H. **Projeto Camomila – Driblando o estresse ocupacional Forense pela arteterapia**. 2011. Artigo (Pós-Graduação em Arteterapia) – Faculdade Mozarteum de São Paulo. São Paulo, 2011.

REVISTA

RODRIGUES, Robson. *et al.* Moradores de rua de uma terra sem dono. Revista Sociologia. N. 32, p. 19-26, 2010.

LEIS E DECRETOS

BRASIL. Lei n.º 11.340 de 07 de agosto de 2006 - Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm> Acesso em: 17 jun 2013.

SITES

Associação de Arteterapia do Estado de São Paulo. **O que é arteterapia.** Disponível em <<http://www.aatesp.com.br/Arteterapia.aspx>> - Acesso em 21 Jan 2014

Cadastro Brasileiro de Ocupações. **Arteterapia.** Disponível em <<http://www.mteco.gov.br/cbsite/pages/pesquisas/BuscaPorTituloResultado.jsf>> - Acesso em: 16 jul 2013.

IBGE. **Mulheres e Mercado de Trabalho: Perguntas e Respostas.** 2010. Disponível em <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/trabalhoerendimento/pme_nova/defaultestudos.shtm> - Acesso em: 11 mai 2013.

Natural History Museum Vienna. **Venus of Willendorf.** Disponível em <<http://www.nhm-wien.ac.at/en/en/museum>> - Acesso em: 25 jun 2013.

Sociedade Brasileira de Endocrinologia e Metabologia. **Doença de Cushing.** Disponível em <<http://www.endocrino.org.br/doenca-de-cushing-neuroendocrinologia/>> - Acesso em: 17 dez 2013.

Visarte Assistencial. **Quem somos.** <<http://www.visarteassistencial.com.br/>> - Acesso em: 20 abr 2013.

Youtube. **Conto “Fátima Fiandeira”.** Narração Ana Luísa Lacombe Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=yeCjAJepywA>> – Acesso em 14 set 2013.

XIMENES, D.A. Vulnerabilidade social. In: OLIVEIRA, D.A.; DUARTE, A.M.C.; VIEIRA, L.M.F. **DICIONÁRIO: trabalho, profissão e condição docente.** Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2010. Disponível em <<http://www.gestrado.org/?pg=dicionario-verbetes&id=235>> - Acesso em: 15 nov 2013.